



Gêneros textuais no jornalismo e a relação dos mesmos na formação da opinião pública – Uma análise do caso Carli Filho¹

Ivana Martins Baptista do AMARAL²
Christian Luiz Melim SCHWARTZ³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

Cada gênero textual permite respostas e interpretações diferentes por parte do interlocutor. No jornalismo, os tipos textuais por vezes fogem dos padrões objetivos e imparciais da categoria e se tornam mais argumentativos do que expositivos. Certas notícias fogem do aspecto racional e misturam emoção. Um exemplo real desse cenário é a cobertura do acidente ocorrido em 2009 envolvendo o ex-deputado Carli Filho. Este caso será estudado com base em matéria a respeito do mesmo no jornal Gazeta do Povo com intuito de compará-la a cartas de leitores do mesmo período de publicação. Este trabalho analisa os gêneros textuais citados acima para expor eventuais relações entre os mesmos e refletir sobre a relação textual entre mídia e opinião pública. A partir desses resultados, espera-se que o estudo seja relevante para futuras reflexões.

Palavras-chave: jornalismo; gêneros textuais; opinião pública.

Introdução

Nos últimos anos, com o crescimento e avanço da internet, as análises de gêneros textuais estão cada vez mais complexas devido à quantidade de gêneros existentes. É possível fazer inúmeras comparações e análises dos mais diversos meios de comunicação, podendo, muitas vezes, chegar a diferentes constatações sobre o mesmo assunto. Algumas notícias que chocaram o país tiveram grande exposição na mídia, facilitando a coleta de informações para a análise do texto, bem como a comparação do mesmo com gêneros textuais menos formais.

Um dos famosos casos narrados pela mídia de forma intensa foi o do deputado Carli Filho, que na noite de 07 de maio de 2009 se envolveu em um acidente que resultou em dois mortos.

¹ Trabalho realizado de forma voluntária para o Programa de Iniciação Científica (PIC) da Universidade Positivo.

² Aluna do 8º período do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo. E-mail: ivana-amaral@hotmail.com. Voluntária do Programa de Iniciação Científica (PIC) da UP, de acordo com o tipo de projeto.

³ Orientador do trabalho e professor de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, email: clmschwartz@gmail.com



Este trabalho tem como objetivo analisar este caso para refletir sobre a relação existente entre mídia e opinião pública, assim como a linguagem utilizada e suas repercussões. Após uma análise do gênero textual *notícia jornalística*, o artigo partirá para uma comparação da mesma com os comentários e opiniões das cartas dos leitores.

A partir disso, alguns questionamentos são levantados: até que ponto a mídia tem o poder de influenciar a opinião pública através da linguagem? Qual é a relação entre o que é dito pelo jornal e o que é dito pelo público?

Certas vezes sendo mais emotivas do que racionais, ou mais argumentativas do que expositivas, algumas notícias jornalísticas se aproveitam de recursos não propriamente imparciais, podendo influenciar o que diz a opinião pública.

Como embasamento para essa hipótese, serão aproveitados os estudos de Luiz Antônio Marcuschi, Maria Marta Furlanetto, Schneuwly e Dolz no que diz respeito a gêneros e tipos textuais. Para a análise das cartas do leitor, além dos autores mencionados, também será usado o estudo de Maria Auxiliadora Bezerra.

Além disso, a linguagem escrita, a estrutura do texto e a escolha de palavras que a mídia impressa utiliza podem criar algum envolvimento com o público. Nessa etapa, serão mencionados Nilson Lage e Philippe Breton para embasar as hipóteses relatadas anteriormente.

Uma reflexão sobre este tema é necessária para despertar interesse sobre o assunto, gerar discussão de ambos os lados (jornalistas e espectadores).

A pesquisa que será feita para a realização desse artigo será bibliográfica e documental. Será realizada uma análise de uma matéria publicada no jornal Gazeta do Povo datada de maio de 2010. Esse artigo será comparado a outro gênero textual, de caráter opinativo: cartas do leitor de jornal. As cartas do leitor aqui analisadas são datadas do próprio jornal Gazeta do Povo, no mesmo período de publicação da matéria.

Todos os gêneros serão analisados quanto às suas estruturas narrativas e linguagem com o intuito de comparar e relacionar os mesmos dentro dos quesitos acima citados.

1 Revisão Bibliográfica

Com a infinidade de gêneros textuais existentes hoje em dia, é difícil analisar todos eles. E cada um possui peculiaridades e ao mesmo tempo ligações profundas com outros gêneros. Dessa forma, para cada um a reação e a interpretação das informações é



distinta. Com as inovações tecnológicas, as formas de comunicação também foram inovadas, do rádio à internet, assim como a relação do homem com as mesmas. “Por certo, não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.” (MARCUSCHI, 2002, p.20)

Portanto, os novos gêneros não são exatamente novidades, pois são derivações de outros mais antigos. Em outras palavras, pode-se dizer que existe o surgimento de formatos de gêneros diferentes, outras ramificações, porém não o surgimento de novos gêneros.

Como se pode perceber, os gêneros textuais e a linguagem sofreram mudanças ao longo do tempo e, principalmente, nos últimos anos com o avanço tecnológico. No entanto, é necessário lembrar conceitos básicos de linguagem para então partir para um detalhamento maior sobre gêneros.

Segundo Lage (2002), a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação. Ela possui um caráter cultural, considerando que a cultura é uma organização de impressões e sentidos de uma determinada sociedade.

A linguagem, segundo Breton (2009), é uma combinação dos elementos: exprimir, informar e convencer. No mundo animal, a comunicação é exclusivamente informativa. O animal não se engana e sempre faz o que anuncia. Não existe subjetividade ou mensagens subliminares entre os animais. Por outro lado, a comunicação humana tem uma peculiaridade: nem sempre o autor faz ou acredita naquilo que ele fala ou escreve. Dessa forma, Breton (1999, p.26) diz que “a palavra é autônoma com relação a tudo o que a cerca. Seu alcance ultrapassa em muito a simples transmissão de informação”.

Pensando dessa maneira, pode-se dizer que a palavra é, em certas situações, mais argumentativa do que informativa, repleta de significados que são interpretados de forma diferente por cada indivíduo. Por vezes, a palavra tem o poder de substituir a violência física ou simbólica – é uma maneira “civilizada” de expressar sentimentos e pensamentos, que por vezes pode ter duplo significado ou ser carregada de opinião, mesmo não sendo explícita.

(...) a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade, sem contudo cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo. Fugimos também de um realismo externalista, mas não nos situamos numa visão subjetivista. (MARCUSCHI, 2002, p. 23)



1.1 . Gêneros e Tipos Textuais

Um dos recursos que invadem o mundo do jornalismo, segundo Breton (1999) é a manipulação dos afetos que, com um apelo emocional, difunde as ideias, muitas vezes irracionais. Isso significa, como mencionado anteriormente, que por vezes o jornalismo deixa de expor e relatar para argumentar.

Marcuschi define os tipos textuais como “uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição” e os gêneros textuais como “os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas”. (2002, p.23)

Dessa forma, existem inúmeros gêneros textuais, dentre os quais aqui serão analisados cartas ao leitor e notícia jornalística. Dentre os tipos linguísticos, que existem em menor quantidade, terão destaque a argumentação, a exposição e o relato.

Schneuwly e Dolz criaram uma tabela que relaciona tipos textuais com gêneros. Nela, o jornalismo (gêneros notícia/ reportagem) se enquadra no tipo textual “relatar”. Segundo os autores, relatar significa a “representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo”. (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 102). No mesmo quadro, o tipo textual “argumentar” é atribuído aos gêneros textuais texto de opinião e carta do leitor. No entanto, a argumentação, definida pelos autores como a “sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição”, muitas vezes é utilizada nas notícias jornalísticas.

Argumentar, no sentido mais elementar, é direcionar a atividade verbal para o convencimento do outro ou, mais especificamente, é a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão de outro sobre determinado objeto, alterando, assim, o seu discurso. (BONINI, P. 220)

Segundo Bonini, o esquema argumentativo é formado por um argumento e uma conclusão, passando por um “já dito”. Ou seja, inicia-se com um elemento para sustentação do argumento, seguido por algo já sabido pelo interlocutor, e finalizado por um predicado.

Por mais que a argumentação seja teoricamente atribuída a gêneros opinativos e não imparciais, o jornalismo por vezes apresenta-se mais argumentativo do que expositivo.



Dessa forma, a mídia também pode influenciar gêneros já estabilizados, transformando-os. Afinal, os gêneros também podem ser definidos, segundo Furlanetto, quanto ao seu posicionamento ideológico como, por exemplo, um discurso capitalista ou terrorista. Tendo um posicionamento ideológico definido, os tipos textuais podem vir a deixar de ser prioridade no momento da redação de algumas notícias, que são mais opinativas ou de posicionamento do que de relato imparcial de um acontecimento.

1.2 . A Opinião Pública

Claramente, a escolha e divulgação das notícias, por mais que se tente, nunca são totalmente imparciais, como um retrato fiel da realidade. Isso acontece porque a notícia depende do jornalista, da sua concepção do mundo, do seu momento histórico e de outros fatores que alteram o seu ângulo de visão e interpretação de cada acontecimento.

Mesmo inconscientemente, o jornalista escolhe quais fatos devem ser iluminados e quais devem ser descartados, quais pessoas devem ser vistas como “vítimas” e quais como “vilãs”. Essa figura que deve ser repudiada é escolhida, muito provavelmente, para se opor à imagem de “ideal” de quem cria a notícia. Entretanto, esses estereótipos são o cerne da nossa tradição pessoal e, de certa forma, defendem nossa posição na sociedade.

Segundo Lippmann (2008, p.98), “um mundo que se torna em algo no qual os que prezamos não valem nada, e os que desprezamos são nobres, é extremamente irritante. Há uma anarquia se nossa ordem de precedência não é a única e somente possível”. Portanto, estereótipos trazem conforto e comodismo, pois nos sentimos pertencentes a um mundo que conhecemos ou idealizamos. As coisas são feitas de forma previsível, normal e familiar.

Portanto entende-se o motivo de ser tão difícil desconstruir um estereótipo. É como atacar os fundamentos e valores do universo, colocando em risco diversos aspectos do âmbito social.

Por tais motivos, e pela grande presença que a mídia exerce nos dias atuais, os discursos devem ser analisados com o devido cuidado para não perder o caráter jornalístico e, em certos casos, influenciar na formação da opinião pública.

O autor e jornalista Arbex Junior faz menção a essa influência da mídia na sociedade.



A mídia cria diariamente a sua própria narrativa e a apresenta aos telespectadores (...) como se essa narrativa fosse a própria história do mundo. Os fatos, transformados em notícia, são descritos como eventos autônomos, completos em si mesmos. Os telespectadores, embalados pelo “estado hipnótico” (...), acreditam que aquilo que veem é o mundo em estado “natural”, é “o” próprio mundo. (ARBEX JUNIOR, 2007, p.103)

Neste trecho do autor, é possível identificar grande credibilidade da mídia por parte do espectador. O que é visto ou lido, muitas vezes é tido como verdade sem questionamentos. Esse fato nos leva a refletir sobre a opinião pública e como isso se relaciona com a mídia.

No caso do jornal, existe um segmento voltado para a exposição da opinião do leitor, conhecido como “cartas do leitor”.

(...) é um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe da revista/jornal, respectivamente), atendendo a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É um gênero do domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando, assim, ao público em geral a sua leitura. (BEZERRA, 2002, p. 228)

2 Métodos e materiais

Baseado nos estudos e teorias acima mencionados, os procedimentos metodológicos deste trabalho serão análises documentais de matérias e cartas de leitores do jornal *Gazeta do Povo*.

A matéria selecionada para a análise foi publicada no jornal físico e online no dia sete de maio de 2010, chamado *Caso Carli faz um ano, ainda sem punição*. As três cartas de leitores selecionadas são do dia oito de maio de 2010, um dia após a publicação da matéria em questão.

3 Resultados obtidos

Segundo Bonini, a argumentação pode ser dada com a apresentação de dados, sustentação dos mesmos e conclusão. Um trecho da matéria traz o seguinte conteúdo: “Passado exatamente um ano do acidente, Fernando Ribas Carli Filho continua a responder ao processo em liberdade. Não passou um dia sequer na prisão”.



Com base na análise de Bonini, a informação básica ou, apresentação de dados primordialmente expositiva é: “Fernando Ribas Carli Filho continua a responder o processo em liberdade”. Seguida de uma sustentação para o argumento, “Passado exatamente um ano do acidente”, e finalmente uma conclusão: “Não passou um dia sequer na prisão”.

Além disso, segundo Marcuschi, um dos principais indícios de uma argumentação é a atribuição de qualidade ou inserção de adjetivos, como pode-se constatar em outro trecho da matéria:

Três testemunhas “abonatórias” foram convocadas pela defesa – elas não presenciaram o acidente, só têm a missão de falar sobre o caráter de Carli. Como não moram em Curitiba, precisarão ser ouvidas por meio de um mecanismo moroso chamado “carta precatória”.

O adjetivo “moroso” não traz nenhuma informação expositiva ao conteúdo da matéria, apenas reforça que a carta precatória é lenta, vagarosa – adjetivos negativos para o caso em questão, revelando, novamente, um posicionamento do jornalista em relação ao fato.

Como mencionado no embasamento teórico deste artigo, a argumentação, segundo Bonini, busca o convencimento, ou seja, procura que o outro assuma o mesmo posicionamento de quem primeiro lhe dirige a palavra.

Por causa disso, as análises das cartas do leitor também foram necessárias, objetivando uma reflexão mais aprofundada do caso para verificar a relação entre o que foi dito pelos leitores sobre o caso no dia seguinte da publicação da matéria analisada anteriormente.

Carta 1 - Casos como o do ex-deputado Fernando Ribas Carli Filho só comprovam que cada vez mais em nosso país a justiça só se aplica rigorosamente para os pobres (Gazeta, 7/5). Deveria ser feita uma investigação no Poder Judiciário, assim como fizeram com a Assembleia Legislativa, pois é inaceitável que um juiz descumpra prazos definidos para processos. Parabenizo ao Grupo RPC por continuar a informar sobre o caso, não deixando que o mesmo caia no esquecimento.

Nessa primeira carta do leitor, há a referência à matéria do dia sete de maio de 2010, aqui analisada. Por mais que a matéria não defenda explicitamente que a justiça é apenas aplicada aos pobres, o uso de argumentos pode conduzir ao entendimento que o jornal assume um posicionamento específico em relação ao caso do deputado. Inclusive,



ao final da carta o leitor parabeniza o veículo por não deixar que tal injustiça caia no esquecimento.

Carta 2 - Justiça no Brasil é piada, ilusão, palavra que só existe no dicionário. Vemos todos os dias exemplos de impunidade como o deste deputado que assassinou, voluntária ou involuntariamente, duas pessoas inocentes e nada, absolutamente nada aconteceu com ele. Está livre, leve e solto e muito bem de saúde, gozando a vida. Espero que o júri considere isso condenando-o de forma exemplar.

Carta 3 - Cheguei aos 57 anos indignado com os trâmites da Justiça neste país. O protecionismo leva a desacreditar nas leis, nos homens da Justiça, além de nos políticos e nos religiosos. Qualquer um pode desafiar as leis e ficar impune. É um mal que passa de pai para filho e por décadas. Isso mostra que o Brasil não tem respeito na Justiça. Nossas leis valorizam mais os infratores e nem as leis divinas podem corrigir.

As duas últimas cartas também reforçam a Justiça morosa do Brasil. Utilizando termos como “assassinato” e “impunidade”, nenhuma das cartas do leitor daquela edição mostrou posicionamento contrário ao da matéria, reforçando, de forma altamente opinativa (característica do gênero), o posicionamento da matéria.

Segundo Bezerra, há uma seleção das cartas do leitor que serão publicadas baseada, dentre outros aspectos, no posicionamento e argumentação dos mesmos.

(...) nem toda carta do leitor é publicada: segundo Melo (op.cit., p. 28-29), há sempre uma triagem e entre aquelas que foram selecionadas para publicação pode haver ainda uma edição. Por razões de espaço físico da seção ou por direcionamento argumentativo (em prol da revista/jornal), podem ser resumidas, parafraseadas ou ter informações eliminadas. (BEZERRA, 2002, p. 228)

4 Considerações finais

Não é possível afirmar que houve uma seleção de cartas para que as publicadas compartilhassem a mesma opinião que o veículo, a veracidade ou não deste fato é irrelevante para o estudo deste trabalho. No entanto, o fato de haver somente cartas que partilhavam o mesmo posicionamento, reforçando o conteúdo da matéria, pode ser refletido com relação ao que Walter Lippmann defende como credibilidade midiática, explicado anteriormente – uma versão dos fatos é apresentada e por vezes isso é aceito pelo público como a única verdade existente.



O relato do que aconteceu fora de nossa visão e audição num lugar onde nunca estivemos não pode e nunca poderá ter (...) todas as dimensões da realidade. Mas ele pode despertar todas, e algumas vezes ainda mais emoções do que a realidade. (LIPPMANN, 2008, p. 185)

Essa afirmação de Lippmann revela como as imagens e símbolos que guardamos em nossas mentes podem ser muito mais fortes do que a realidade em si. E, no caso do jornalismo, são muitas vezes as palavras que permitem o leitor a criar uma opinião sobre determinado assunto.

Com o intuito de relacionar os gêneros textuais utilizados com a opinião pública, foram selecionadas uma matéria de jornal e três cartas do leitor para análise, a qual foi feita com base nas teorias de Bonini e Dolz & Schneywly.

A partir disso, pode-se dizer que, nesta pequena amostra, o caráter argumentativo, voltado para tomadas de posição, foi identificado. Apesar de não ser tão expressivo quanto outras matérias que se apropriam deste tipo textual de forma exagerada, como as sensacionalistas, a matéria em questão possui um posicionamento sutil, mas existente.

Isso refletiu nas cartas dos leitores, onde os assuntos “justiça lenta”, “prazos” e “impunidade” foram os de destaque – justamente o que a matéria retratou, referindo-se a um dos procedimentos da justiça brasileira como “mecanismo moroso” e tratando a situação do deputado como alguém que até o momento “não passou um dia sequer na prisão”.

Como mencionado anteriormente por Furnaletto, os gêneros textuais podem ser modificados e influenciados pela mídia, dependendo do posicionamento ideológico que ela assume. A análise em questão identificou tipos textuais não condizentes com a prática jornalística, podendo trazer uma nova reflexão a respeito do futuro do jornalismo, levando em consideração as mutações que os gêneros textuais sofrem e que continuarão sofrendo.

Referências

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlismo – A notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2007

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Por que cartas do leitor na sala de aula**. In: Gêneros textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pp. 225-234.

BONINI, Adair. **A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam**. In: Gêneros – Teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 260-281.



BRETON, PHILIPPE. **A Manipulação da Palavra**. São Paulo: Edições Loyola 1999

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FURNALETTO, Maria Marta. **Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau**. In: Gêneros – Teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 260-281.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2008

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2006

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pp. 19-38.